

## A SEMANA – 130

John Gledson

A língua era assunto que naturalmente interessava a Machado, que tinha certos gostos, opiniões, e até preconceitos a esse respeito. Dos exemplos que usa aqui, alguns – piquenique, convescote, inverdade, explodir – já surgiram noutras crônicas, de “Balas de Estalo”, “Bons Dias!” e “A Semana”. Se é possível generalizar, ele é purista, mas só até certo ponto. Já vimos, na crônica de 28 de outubro deste ano, que silenciosamente substitui o verbo “garantir” num texto que cita, por “afiançar”, sem dúvida para corrigir um galicismo. O que rejeita sobretudo são as criações artificiais de Castro Lopes, vindas diretamente do latim. Aqui, como em “Bons Dias!”, mostra que a lógica atrás dessas criações é ela mesma contraditória. Por isso, Machado aceita alguns galicismos, que refletem a hegemonia da cultura francesa – fato histórico incontornável. Termina a crônica com mais duas pérolas do Conselho Municipal: na segunda, o absurdo da briga sobre a bandeira parece que lhe interessa mais que a questão da influência do positivismo, religião que Machado achava absurda, nos primeiros anos da república.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 178-182.



## A SEMANA

25 de novembro 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Vão acabando as festas uruguaianas.<sup>1</sup> Daqui a pouco, amanhã, não haverá mais que lembrança das luminárias, músicas, flores, danças, corridas, passeios, e tantas outras coisas que alegraram por alguns dias a cidade. Hoje é a regata de Botafogo, ontem foi o baile do Cassino, anteontem foi a festa do Corcovado... Não. Não escrevo *pic-nic*, por ter a respeito deste vocábulo duas dúvidas, uma maior, outra menor, como diziam os antigos pregoeiros de praças judiciais.<sup>2</sup>

Aqui está a maior. Sabe-se que esta palavra veio-nos dos franceses, que escrevem *pique-nique*. Como é que nós, que temos o gosto de adoçar a pronúncia e muitas vezes alongar a palavra, adotamos esta forma ríspida e breve: *pic-nic*? Eis aí um mistério, tanto mais profundo quanto que eu, quando era rapaz (anteontem, pouco mais ou menos),<sup>3</sup> lia e escrevia *pique-nique*, à francesa. Que a forma *pic-nic* nos viesse de Portugal nos livros e correspondências dos últimos anos, sendo a forma que mais se ajusta à pronúncia da nossa antiga metrópole, é o que primeiro ocorre aos inadvertidos. Eu, sem negar que assim escrevam os últimos livros e correspondências daquela origem, lembrarei que Caldas Aulete adota *pique-nique*;<sup>4</sup> resposta que não presta muito para o caso, mas não tenho outra à mão.

Não me digas, leitor esperto, que a palavra é de origem inglesa, mas que os ingleses escrevem *pick-nick*. Sabes muito bem que ela nos veio de França, onde lhe tiraram as calças londrinhas, para vesti-la à moda de Paris, que neste caso particular é a nossa própria moda. Vede o *frac* dos franceses. Usamos hoje esta forma, que é a original, nós que tínhamos adotado anteontem (era eu rapaz) a forma adoçada de *fraque*.

A outra dúvida, a menor, quase não chega a ser dúvida, se refletirmos que as palavras mudam de significação com o andar do tempo, ou quando passam de uma

---

<sup>1</sup> Na segunda-feira, dia 19, anunciam-se estas festas. Curiosamente, o jornal duas vezes fala em *pick-nick*. Este problema já foi mencionado na crônica de 22 de outubro de 1888, de “Bons Dias!” – ver a nota 2 da minha edição da série, sobre as incertezas acerca da origem da palavra.

<sup>2</sup> Não entendo a que exatamente Machado se refere aqui.

<sup>3</sup> Aurélio acrescenta esta vírgula, que não está nem na *Gazeta*, nem no texto de Mário de Alencar.

<sup>4</sup> A primeira edição do dicionário de Caldas Aulete é de 1881.

região a outra. Assim que, *pique-nique* era aqui, e continua a ser algures, uma patuscada, banquete, ou como melhor nome haja, em que cada conviva entra com a sua cota. Quando um só é que paga o pato e o resto, a coisa tinha outro nome. A palavra ficou significando, ao que parece, um banquete campestre.

Foi naturalmente para acabar com tais dúvidas que o Sr. Dr. Castro Lopes inventou a palavra *convescote*. O Sr. Dr. Castro Lopes é a nossa Academia Francesa.<sup>5</sup> Esta, há cerca de um mês, admitiu no seu dicionário a palavra *atualidade*. Em vão a pobre *atualidade* andou por livros e jornais, conversações e discursos; em vão Littré a incluiu no seu dicionário.<sup>6</sup> A academia não lhe deu ouvidos. Só quando uma espécie de sufrágio universal decretou a expressão, é que ela a canonizou. Donde se infere que o Sr. Dr. Castro Lopes, sendo a nossa Academia Francesa, é também o contrário dela. É a academia pela autoridade, é o contrário pelo método. Longe de esperar que as palavras envelheçam cá fora, ele as compõe novas, com os elementos que tira da sua erudição, dá-lhes a bênção e manda-as por esse mundo. O mesmo paralelo<sup>7</sup> se pode fazer entre ele e a igreja católica. A igreja, tendo igual autoridade, procede como a academia, não inventa dogmas, define-os.

*Convescote* tem prosperado, posto não seja claro, à primeira vista,<sup>8</sup> como *engrossador*, termo recente, de aplicação política, expressivo e que faz imagem, como dizem os franceses.<sup>9</sup> É certo que a clareza deste vem do verbo donde saiu. Quem o inventou? Talvez algum cético, por horas mortas, lembrando uma procissão qualquer; mas também pode ser obra de algum religioso, aborrecido com ver aumentar o número dos fiéis. As religiões políticas diferem das outras em que os fiéis da primeira hora não gostam de ver fiéis das outras horas. Parecem-lhes inimigos; é verdade que as conversões, tendo os seus motivos na consciência, escapam à verificação humana e é possível que um homem se ache<sup>10</sup> repentinamente católico menos pelos dogmas que

---

<sup>5</sup> Antônio de Castro Lopes (1827-1901), filólogo, latinista, astrônomo e homeopata, que se dedicava a corrigir galicismos e inventar palavras para substituí-los, e era alvo repetido da sátira de Machado nas crônicas. Apareceu três vezes em “Balas de Estalo”, e mais três em “Bons Dias!”. “Convescote”, que sobrevive, embora “pouco usado” (em contraste com “cardápio”, por exemplo, também invenção dele), vem da junção de “convívio” e “escote”.

<sup>6</sup> O dicionário da Academia Francesa é oficial, mas as suas recomendações são frequentemente desobedecidas, devido a um conservadorismo conhecido. O dicionário de Émile Littré (1801-1881), *Dictionnaire de la langue française* (1872-1877) talvez fosse o mais usado e acatado.

<sup>7</sup> Por engano, a *Gazeta* tem “paralel-o”, como se fosse infinitivo de um verbo, com objeto. Mário de Alencar e Aurélio corrigem.

<sup>8</sup> Esta vírgula não está na *Gazeta*, nem no texto de Mário de Alencar. Foi acrescentada por Aurélio, cremos que com razão.

<sup>9</sup> O sentido (exclusivamente brasileiro) de “engrossador” a que Machado se refere é de “bajulador, puxa-saco”. Os que “engrossam” as religiões políticas o fazem não pelas “verdades” que apregoam, e sim pelas características exteriores do culto e os seus benefícios concretos (“as galhetas”). Curiosamente, numa carta pública em que acusava Machado, entre outros, de ser monarquista, Diocleciano Mártir ilustra perfeitamente o sentido da palavra, falando dessa “gente neutra, adesiva e engrossadora, que nos deixou como relíquia o extinto regime”. “Faire image”, em francês, quer dizer “ilustra bem”, “ajuda a visualizar.”

<sup>10</sup> Aqui há uma vírgula na *Gazeta* e no texto de Mário de Alencar, que Aurélio tira, com razão.

pelas galhetas. As galhetas fazem engrossar muito. Mas fosse quem fosse o inventor do vocábulo, certo é que este, apesar de anônimo e popular, ou por isso mesmo, espalhou-se e prosperou; não admirará que fique na língua, e se houver, aí por 1950, uma Academia Brasileira, pode bem ser que venha a incluí-lo no seu dicionário. O Sr. Dr. Castro Lopes poderia recomendá-lo a um alto destino.

Oh! se o nosso venerando latinista me desse uma palavra que, substituindo *mentira*, não fosse *inverdade*!<sup>11</sup> Creio que esta segunda palavra nasceu no parlamento, obra de algum orador indignado e cauteloso, que, não querendo ir até à *mentira*, achou que *inexatidão* era frouxa demais. Não nego perfeição à *inverdade*, nem eufonia, nem coisa nenhuma. Digo só que me é antipática. A simpatia é o meu léxico. A razão por que eu nunca *explodo*, nem gosto que os outros *explodam*, não é porque este verbo não seja elegante, belo, sonoro, e principalmente necessário; é porque ele não vai com o meu coração. *Le coeur a des raisons que la raison ne connaît pas*, disse um moralista.<sup>12</sup>

A outra palavra, *mentira*, essa é simpática, mas faltam-lhe maneiras e anda sempre grávida de tumultos. Há cerca de quinze dias, em sessão do conselho municipal, caiu da boca de um intendente no rosto de outro, e foi uma agitação tal, que obrigou o presidente a suspender os trabalhos por alguns minutos. Reaberta a sessão, o presidente pediu aos seus colegas que discutissem com a maior moderação; pedido excessivo, eu contentar-me-ia com a menor, era bastante para não ir tão longe.<sup>13</sup>

De resto, a agitação é sinal de vida e melhor é que o conselho se agite que durma. Esta semana o caso da bandeira, que é dos mais graciosos, agitou bastante a alma municipal.<sup>14</sup> Se o leste, é inútil contar; se o não leste, é difícil. Refiro-me à

---

<sup>11</sup> Já na crônica de 12 de março de 1893 Machado se ocupara de “inverdade”. Lá diz que “não nasceu do povo, isso creio”.

<sup>12</sup> “O coração tem as suas razões que a razão não conhece”. A citação (que de fato devia ser “ne connaît point”) é das *Pensées* (IV, 277) de Blaise Pascal (1623-1662). De “explodir” ocupou-se na crônica de 24 de setembro de 1893, escrita durante a Revolta da Armada. Por que não gosta da palavra, preferindo “estourar” ou “rebentar”? É mesmo um caso de simpatia, de gosto? Ou será porque vem diretamente do latim? Ou porque achasse que era anglicismo, de “explode”?

<sup>13</sup> Este bate-boca vem reproduzido no *Jornal do Commercio* de 7 de setembro: um intendente acusou outro de alterar a versão impressa dos seus “apartes”.

<sup>14</sup> Esta “agitação” começou no dia 20 e chegou a seu auge no dia 21: as transcrições das reuniões aparecem nos dias seguintes, 21 e 22, na segunda página do *Jornal do Commercio*, colunas 7 e 8, e 6 e 7, respectivamente. No dia 16, na comemoração da posse do presidente da República no dia 15, apareceu uma bandeira na sala, que alguns intendentes acharam “positivista”. Não há descrição dessa bandeira – pode ser que tivesse as palavras “Ordem e Progresso” – mas em todo caso, o sr. Pereira Lopes achou que a municipalidade “acaba de ser tratada de um modo pouco airoso e ofensivo”. O presidente alegou que ele tinha mandado retirar a bandeira da sala, e que não sabia quem a colocara ali. O sr. Maia de Lacerda replicou: “Pois bem: visto a bandeira não ter dono, proponho que seja remetida para o Museu Nacional. – (Vozes: Oh!) O sr. Germano Possolo diz que “É um trapo que deve ser inutilizado”. O sr. Pereira Lopes diz que “Não é trapo porque é de seda”. O sr. Possolo ataca o positivismo e a sua influência no país: “Eu posso ir mais longe, dizendo que o sangue dos nossos irmãos, que se derrama há tanto tempo no Rio Grande do Sul, é talvez devido à influência dessa maldita filosofia (Apoiados). (...) Eu poderia ainda ir mais longe, dizendo que no Asilo de Mendicidade já esta seita perniciosa mandou profanar o lugar onde se achava a Cruz do Calvário, que é venerada pela maioria da nação.” Houve também uma festa no largo da Lapa para lançar a pedra fundamental de uma estátua do presidente James Monroe (1758-1831), autor

bandeira que apareceu hasteada na sala das sessões do conselho, em dia de gala, sem se saber o que era nem quem a tinha ali posto. Pelo debate viu-se que a bandeira era positivista e que um empregado superior a havia hasteado, depois de consentir nisso o presidente. O presidente explicou-se. Um intendente propôs que a bandeira fosse recolhida ao museu nacional, por ser “obra de algum merecimento”. Outro chamou-lhe trapo. “Trapo não, que é de seda”, corrigiu outro. O positivismo foi atacado. Crescendo o debate, alargou-se o assunto e as origens da revolução do Rio Grande do Sul foram achadas no positivismo, bem como a estátua de Monroe e um episódio do asilo de mendicidade.

Se assim é, explica-se o apostolado antipositivista, fundado esta semana,<sup>15</sup> e não pode haver maior alegria para o apostolado positivista; não se faz guerra a fantasmas, a não ser no livro de Cervantes.<sup>16</sup> Mas que pensa de tudo isto um habitante do planeta Marte, que está espiando cá para baixo com grandes olhos irônicos?

A bandeira não teve destino, foi a conclusão de tudo, e não será de admirar que torne a aparecer no primeiro dia de gala, para dar lugar a nova discussão, – coisa utilíssima, pois da discussão nasce a verdade. Para mim, a bandeira caiu do céu. Sem ela esta página, que começou pedante, acabaria ainda mais pedante.



---

da famosa “doutrina Monroe”, segundo a qual os países europeus não deviam se interpor em assuntos do continente americano (e que depois deu seu nome ao palácio Monroe). O sr. Possolo achava que era “um homem notável de política republicana, mas que, quanto a mim, não merecia aqui uma estátua, porque a não tem no seu próprio país.”

<sup>15</sup> Na segunda-feira, dia 19, anuncia-se na *Gazeta* a fundação deste apostolado, chefiado por Sílvio Romero, com Coelho Neto como secretário.

<sup>16</sup> No capítulo 19 do primeiro livro de *D. Quixote*, o ilustre fidalgo ataca um grupo de enlutados, que na noite ele e Sancho confundem com fantasmas.